

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDU

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO “lato sensu” em FILOSOFIA E EDUCAÇÃO
– 2016/2017**

(RESOLUÇÃO nº 26/2015-CONSUNI/UFAL de 04/05/2015)

**MULHERES CAMPONESAS: UMA DISCUSSÃO FILOSÓFICA
ACERCA DA EDUCAÇÃO E DO FEMINISMO**

Edcleide da Rocha Silva

MACEIÓ - ALAGOAS

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDU

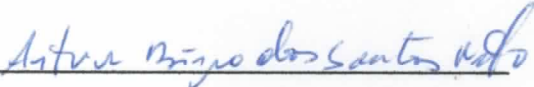
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO “LATO SENSU” EM FILOSOFIA E EDUCAÇÃO –
2016/2017
(RESOLUÇÃO nº 26/2015 de 04/05/2015)

ATA DE AVALIAÇÃO DE DEFESA DE TRABALHO DE
CONCLUSÃO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM
FILOSOFIA E EDUCAÇÃO – VIA DO ALUNO

Aos **14 dias** do mês de **novembro de 2017** foi instalada a Sessão de Defesa de Trabalho de Conclusão – TCC do Curso de Especialização em Filosofia e Educação, ofertado pelo Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, às 18h, na Sala de Seminários da mesma instituição, a que compareceu a discente **Edcleide da Rocha Silva**, apresentando o trabalho: “**Mulheres Camponesas: uma discussão filosófica acerca do feminismo**”, tendo como componentes da Banca Examinadora os professores Dr. Artur Bispo dos Santos Neto (Presidente), Dr. Walter Matias Lima e Ms. Maria Aparecida Batista de Oliveira. Submetido à avaliação da Banca examinadora composta pelos professores:

1. Prof. Artur Bispo dos Santos Neto (ICHICA/UFAL)
2. Prof. Dr. Walter Matias Lima (CEDU/UFAL)
3. Profª. Ms. Maria Aparecida Batista de Oliveira (ICHICA/UFAL)

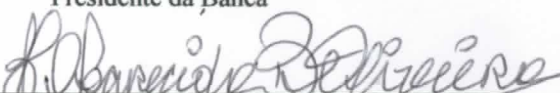
Obtendo a média final 9,0 (NOVE INTEIROS) tendo sido considerado aprovado por esta Banca Examinadora. E por estar conforme, eu, Artur dos Santos Neto, Presidente da Banca Examinadora lavrei a presente ata que vai assinada por mim e pelos demais membros da banca, bem como pelo Coordenador do Curso de Especialização em Filosofia e Educação.



Prof. Dr. Artur Bispo dos Santos Neto
Presidente da Banca



Prof. Dr. Walter Matias Lima


Profª. Ms. Maria Aparecida Batista de Oliveira


Prof. Dr. José Vicente Medeiros da Silva
Coordenador do Curso de Especialização
em Filosofia e Educação

MULHERES CAMPONESAS: UMA DISCUSSÃO FILOSÓFICA ACERCA DA EDUCAÇÃO E DO FEMINISMO

Eddleide da Rocha Silva¹
E-mail: edcleideprof@gmail.com

Orientador(a): Prof. Dr. Artur Bispo dos Santos Neto²
E-mail: arturbisponeto@gmail.com

RESUMO:

Este texto tem por objetivo tratar da educação no contexto da Filosofia da Práxis, destacando sua relevância no processo de libertação da mulher camponesa. Apesar de constituir-se como tarefa elementar deste texto desvelar o processo de obliteração e apagamento da mulher dentro da filosofia e do discurso histórico acerca da violência cultural-patriarcal, não deixaremos de suscitar essas questões, já que o feminismo é uma construção sócio-histórica. Entendemos que a crítica ao processo sócio-histórico de opressão sobre a mulher vem sendo realizada, mas ainda de maneira incompleta, pois enquanto houver opressões na esfera social haverá necessidade de construir discursos e práticas emancipatórias. No decorrer deste texto se pretende destacar a participação da mulher camponesa no interior do debate feminista na perspectiva de fortalecimento da luta, em que a práxis comparece como teoria em movimento tanto na educação quanto no âmbito do complexo político. Para investigar a temática contemporânea de gênero e feminismo nosso texto tem como mediação os movimentos camponeses, denotando como essa problemática comparece como objeto que também interessa ao campo da filosofia e da educação. Nessa perspectiva, a Filosofia da Práxis servirá como guia para o estabelecimento da articulação entre a teoria e a prática, visando a libertação da opressão imposta pelo processo de dominação patriarcal no interior da sociedade de classes. O itinerário de nossa pesquisa obedecerá às seguintes etapas: 1 – Elucidação do ser camponês para os movimentos sociais; 2 – O papel da mulher para a educação camponesa no processo de construção do feminismo camponês; 3 – Como a filosofia da práxis serve de mediação fundamental para esclarecer a natureza do ser feminino no interior da sociedade capitalista. Assim sendo, será a classe camponesa, mais precisamente a mulher camponesa, constitui-se como ponto de partida para a discussão de feminismo no campo político-pedagógico e social de nossa investigação, sendo a Filosofia espaço importante para investigarmos a natureza do feminismo como processo de construção no interior dos movimentos sociais que lutam pela emancipação do campesinato do poder do capital.

Palavras-chave: Educação; Feminismo; Filosofia da Práxis; Mulheres camponesas.

¹ Graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Alagoas (2016); Militante do Movimento de mulheres camponesas. Currículo Lattes: << <http://lattes.cnpq.br/8498240882612121>>>.

² Graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Alagoas (1993), mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (2000) e doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (2007). Atua como professor Associado I na Universidade Federal de Alagoas, nos cursos de Filosofia e Serviço Social. Participa do Grupo de Pesquisa em Reprodução Social, do Grupo de Pesquisa Filosofia e Ensino de Filosofia. Suas pesquisas estão relacionadas aos temas: trabalho na contemporaneidade, estética e ontologia, reestruturação produtiva e classes sociais. Currículo Lattes: << <http://lattes.cnpq.br/3979204224090102>>>.

MUJERES CAMPESINAS: UNA DISCUSIÓN FILOSÓFICA ACERCA DE LA EDUCACIÓN Y DEL FEMINISMO

RESUMEN:

Este texto tiene por objetivo tratar de la educación en el contexto de la Filosofía de la Praxis, destacando su relevancia en el proceso de liberación de la mujer campesina. A pesar de constituirse como una tarea elemental, desde este texto descubrir el proceso de obliteración y apagamiento de la mujer dentro de la filosofía y del discurso histórico a cerca de la violencia cultural-patriarcal, no dejaremos de cuestionar esas situaciones, ya que el feminismo es una construcción socio-histórica. Entendemos que la crítica al proceso socio-histórico de opresión sobre la mujer viene siendo realizada, mas todavía de manera incompleta, pues en cuanto hay opresión en la esfera social habrá necesidad de construir discursos y prácticas emancipatorias. En este texto se pretende destacar la participación de la mujer campesina en el interior del debate feminista con la perspectiva de fortalecer la lucha, en donde la praxis se fundamente con la teoría en movimiento tanto en la educación como en el ámbito político. Para investigar la temática contemporánea de género y feminismo nuestro texto tiene como mediación los movimientos campesinos, denotando como esas problemáticas aparece como objeto que también interesa al campo de la filosofía y de la educación. En esta perspectiva la Filosofía de la Praxis servirá como guía para el establecimiento de la articulación entre la teoría y la práctica, visibilizando la libertad de la opresión impuesta por el proceso de dominación patriarcal en el interior de la sociedad de clases. El itinerario de nuestra investigación obedecerá a las siguientes etapas: 1- Poner en claro el ser campesino para los movimientos sociales; 2- El papel de la mujer para la educación campesina en el proceso de construcción del feminismo campesino; 3- Como la filosofía de la praxis sirve de mediador fundamental para esclarecer la naturaleza del ser femenino en el interior de la sociedad capitalista. Siendo así, será la clase campesina, mas precisamente la mujer campesina, se constituye como punto de partida para la discusión del feminismo en el campo político-pedagógico y social de nuestra investigación, siendo la filosofía espacio importante para investigar la naturaleza del feminismo como proceso de construcción en el interior de los movimientos sociales que luchan por la emancipación del campesinado del poder del capital.

Palabras clave: Educación; Feminismo; Filosofía de la Praxis; Mujeres campesinas.

Introdução

O presente artigo constitui-se como etapa necessária do processo de conclusão do Curso de Especialização em Filosofia e Educação. Trata-se de um momento importante da articulação da pesquisa em Educação com a Filosofia, colocando-se em prática algumas questões desenvolvidas no percurso da formação acadêmica.

A partir da experiência acumulada com os movimentos sociais estabelecemos como objetivo de nossa pesquisa investigarmos a importância da mulher camponesa no

desenvolvimento do feminismo camponês, tendo a educação como eixo de desenvolvimento articulada à Filosofia da Práxis.

Para adentrar na problemática da mulher camponesa e da construção do feminismo, traçaremos um itinerário conceitual acerca do campesinato e da agroecologia, uma vez que a bandeira do feminismo camponês e popular é a afirmação da luta das mulheres camponesas, em que elas assumem o processo de sustentabilidade e defesa da identidade campesina e popular.

É importante resaltar que se trata de um feminismo que tem como princípio a compreensão da mulher como um ser social que se constitui na relação com o mundo natural e o mundo social, da mulher como sujeito de seu processo histórico de um ser que assume papel de articuladora tanto das atividades econômicas quanto das atividades ideológicas – construção política e pedagógica do campesinato.

Nesse contexto, a agroecologia ganha campo de produção e partilha de conhecimento na organização que reconhece na agricultura camponesa um espaço de construção da educação, uma educação baseada na defesa da vida, da terra e da participação social da mulher no ensino e aprendizagem.

É pretendido, portando, fortalecer o debate acerca do feminismo camponês e da agroecologia; para isso é fundamental entender a filosofia não somente como um discurso teórico, mas como uma atividade humana que emerge num determinado momento da história da humanidade para resolver problemas concretos, neste sentido traremos Vásquez e a filosofia da Práxis, com este olhar mais latino da leitura marxista.

A agroecologia que também é pauta de nossos argumentos, é trazida como uma disciplina que tem como propósito essencial restabelecer o elo fundamental do ser humano com a natureza, processo que foi profundamente rompido pela lógica refratária e alienante do sistema do capital.

A agroecologia emerge num determinado momento da história da sociedade capitalista, especialmente quanto essa forma de sociabilidade estabeleceu uma ruptura monumental entre o ser humano e a natureza e passou a representar uma ameaça ao destino da humanidade.

Na tentativa de reestabelecer o equilíbrio perdido entre ser humano e natureza, a agroecologia procura valoriza o saber produzido e reproduzido pelos primeiros habitantes do continente latino-americano, especialmente a mulher, pelo papel essencial que ela possui na

produção e reprodução social e econômica de toda e qualquer forma de sociabilidade, mas especialmente nas sociedades precedentes à sociedade capitalista.

Para elucidar este lugar fundamental da mulher no processo de emancipação da terra e da humanidade, consideramos como essencial recorrer a Filosofia da Práxis, pela capacidade que esta tem de elucidar as contradições que perpassa a sociedade capitalista e o sistema do capital, enquanto um sistema assentado em contradições.

Na perspectiva de entender o papel da mulher camponesa na superação da sociedade de classes, nosso trabalho segue os seguintes propósitos: importância de elucidar o conceito de campesinato; estabelecer a relação entre campesinato e agroecologia; entendimento da Filosofia da Práxis como articulação entre campesinato, agroecologia e feminismo camponês.

MULHERES CAMPONESAS: UMA DISCUSSÃO FILOSÓFICA ACERCA DA EDUCAÇÃO E DO FEMINISMO

A sociedade de classe enquanto expressão da divisão social, em que o capital é tudo e o ser humano é nada, constituiu o “fetiche” da mulher como um ser “frágil” e inferior ao homem, configurou a imagem da mulher submissa; para isso, recorreu aos elementos naturais na perspectiva de eternizar relações construídas socialmente.

Dessa consideração, a participação da mulher na sociedade é considerada como secundária, não é à toa que a educação das crianças acabou sendo destinada às mulheres. As classes dominantes constituem todo um aparato ideológico na perspectiva de naturalizar o papel da mulher na sociedade, em que deve ser subserviente e nunca uma agente de transformação social. Nesse sentido podemos entender porque historicamente a mulher é vista como uma eterna educadora, como uma mãe exemplar, como cuidadora do lar etc.

É fundamental romper com essas amarras e entraves construídos socialmente, e a mulher camponesa não deixa de sofrer cotidianamente as imposições sociais de uma sociedade que tenta explorar o trabalho e o ser feminino de maneira múltipla (trabalho, educação, atividade doméstica, reprodutora ou objeto do prazer masculino).

Mediante a condição colocada culturalmente, a mulher camponesa é interpelada a constituir instrumentos que colaborem na sua emancipação e na superação das relações de dominação de classe e gênero gestada pelo modo de produção capitalista.

Segundo Conte e Janh: “Há alguns milhares de anos, as mulheres foram e, em grande medida, ainda são consideradas inferiores na esfera social”, ou seja, numa parcela de tempo as mulheres passaram a desenvolver características de submissão aos homens, de serem seres privadas, havendo socialmente esta construção onde são educadas de forma generalizada “para a “inferioridade”, “incapacidade” e “fragilidade” do sexo feminino, ainda que, nas últimas décadas, as mulheres tenham conseguido avanços significativos a partir de suas lutas. (2011, p. 25).

Para operacionalizar a virada da questão que foi construída culturalmente e adentrarmos nas mulheres camponesas, é necessário compreender essa questão na perspectiva da mulher camponesa.

Na contemporaneidade a mulher tem procurado romper com os padrões estabelecidos socialmente, para isso tem forjado inúmeras lutas e conquistas, com isso tem destronando a feminilidade implantada hegemonicamente pela sociedade classista e patriarcal.

As mulheres de hoje estão destronando o mito da feminilidade; começam a afirmar concretamente sua independência; mas não é sem dificuldade que conseguem viver integralmente sua condição de ser humano. Educadas por mulheres, no seio de um mundo feminino, seu destino normal é o casamento que ainda as subordina praticamente ao homem; o prestígio viril está longe de se ter apagado: assenta ainda em sólidas bases econômicas e sociais. É, pois, necessário estudar com cuidado o destino tradicional da mulher [...]. Só então podemos compreender que problemas se apresentam a mulheres que, herdeiras de um pesado passado, se esforçam por forjar um futuro novo (BEAUVOIR, 2009, p. 357).

A referida autora, no caráter do V.2 do “Segundo sexo”, aponta que a forma que a mulher (a fêmea) vem se definindo socialmente passou de pelas diversas fases, tanto à condição forjadas biologicamente quanto às condições impostas psíquicas e econômicas; de certo modo, todas foram construídas pelos interesses dominantes.

Apesar de herdeiras de condições implantadas, as mulheres estão tentando construir uma nova fase no seio da sociedade burguesa, isso é resultado de grandes lutas. Essas lutas têm como epicentro a constituição subjetiva de uma nova visão do ser mulher, e as mulheres camponesas enquanto uma classe, em aliança com as mulheres operárias, também são autoras desse novo capítulo da vida social.

Adotamos aqui o conceito de camponês recorrente nos movimentos sociais do campo, em específico dos movimentos que compõem *La Via Campesina*³. Desempenha papel relevante o trabalho da obra: *Sobre o a evolução do conceito de campesinato* de Sevilla Guzmá e González de Molina.

É preciso entender que o campesinato é uma classe que sobrevive e se recria na história, pois está presente desde a gênese da sociedade de classes, podemos encontrá-la desde a descoberta da agricultura e a formação do modo de produção asiático. Embora não seja o fundamento de sustentação do modo de produção capitalista, porque na sociedade capitalista os trabalhadores têm que comparecer destituídos dos meios de produção e dos meios de subsistência, os camponeses continuam presente no interior da sociedade devido ao desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo.

O caráter tardio do capitalismo latino-americano, em que seu processo de industrialização em algumas regiões até hoje não se completou, permite que a classe camponesa desempenhe ainda um papel relevante. Além disso, não se pode esquecer que o capitalismo submeteu a produção de subsistência aos imperativos, apesar da forma clássica de desenvolvimento capitalista declarar guerra aberta à produção de subsistência e a produção assentada no campesinato.

Retornando ao nosso ponto de partida, é preciso esclarecer: o que é o camponês? O camponês é considerado pelo senso comum como um caipira, um homem atrasado, destituído de saber científico, apegado à terra, mero reproduzidor de sua existência social. O camponês é considerado como um homem que desconhece a totalidade social e os poderes da ciência moderna, apegado a religião, o camponês não passa de um indivíduo que pensa tão somente na sobrevivência de sua família, em cotidianamente vai pra roça planta e procurar garantir o sustento de seus pares. E a mulher onde entra nessa cosmovisão urbana? Geralmente não passa de figura coadjuvante do marido, sendo reduzida a mera atividade doméstica, ou ajudante do trabalho desenvolvido.

³ A Via Campesina é um movimento internacional, formado por diferentes organizações sociais que lutam pela e em defesa da mãe terra e contra a ofensiva neoliberal, representado pelo latifúndio e agronegócio. Seu lema é: Globalizar a luta e a esperança “Globalizemos a luta, globalizemos a esperança!”. Luta pela defesa dos povos originário assim como pela defesa da vida em suas mais diferentes vertentes, desde o cuidar das sementes crioulas ao manter a história das lutas vida. Mais informações, visite o site: << [7](https://viacampesina.org/es/>>”.</p></div><div data-bbox=)

Observa-se como se constitui como tarefa educativa essencial esclarecer o sentido e a relevância social do camponês e da mulher camponesa. Em sua obra “Sobre a evolução do conceito de campesinato”, de Eduardo Sevilla Guzman e Manuel González de Molina, afirmam:

[...] o campesinato é, mais que uma categoria histórica ou sujeito social, uma forma de manejar os recursos naturais vinculada aos agroecossistemas locais e específicos de cada zona, utilizando um conhecimento sobre tal entorno condicionado pelo nível tecnológico de cada momento histórico e grau de apropriação de tal tecnologia, gerando-se assim graus de “camponesidade” (no original: *grados de campesinidad*) (2013, p. 76).

Além da afirmação acima, a Via Campesina entende o conceito de camponês como algo mais plástico e que envolve também os pequenos agricultores, os povos tradicionais (indígenas e quilombolas), os povos quem lutam em defesa da vida e soberania alimentar. Onde se buscar a unidade destes que lutam em defesa da terra, consecutivamente, os que defendem uma agricultura camponesa.

É por isto que a Mulher camponesa, enquanto desmistificação de uma mulher dona de casa, tornasse essencial para o desenvolvimento desta pesquisa, pois a mesma é parte da construção de camponês e do feminismo camponês, como forma de afirmação na luta social e histórica.

Esclarecida a natureza do ser camponês é preciso elucidar que conceito de campesinato será adotado para tratar da mulher camponesa. É preciso esclarecer que tratar do feminismo camponês, numa pesquisa de Filosofia e educação, é fundamental porque o feminismo é história de luta, é práxis continua, ou seja, constitui-se como uma atividade tanto filosófica quanto educacional.

É preciso lembrar que a realidade camponesa no Brasil e da América Latina foi escrita, como afirma Galeano – em sua obra *As veias abertas da América Latina* – a sangue, mas não qualquer sangue e sim o sangue dos oprimidos, dos que foram, explorados pelos mitos do capital (GALEANO, 1987).

Ainda sobre os mitos criados nessa sociedade E. Dussel, em a sua obra, *Filosofia da Práxis*, coloca a seguinte questão: “..., a filosofia moderna europeia, mesmo antes do *ego cogito*, mas certamente a partir dele, situa todos os homens, todas as culturas, e com isso suas mulheres e filhos, dentro de suas próprias fronteiras como úteis manipuláveis, instrumentos” (DUSSEL, 1977, p.9).

É contra essa condição de manipuláveis que resiste tanto a classe camponesa, quanto as mulheres camponesas, estas são resultantes duma história de exploração econômica da terra e de seus bens naturais, da sobreposição de culturas e, conseqüentemente, de uma educação hegemônica que não pensa em libertação para os dominados ao mesmo tempo que prega a liberdade.

Falar de campesinato é também falar de exploração, de extermínio, de escravidão, é trazer para o campo do discurso filosófico os que foram marginalizados, os indígenas apagados da história, os negros marcados pelo tempo, e as mulheres “submetidas” culturalmente à cultura patriarcal. E mais que isso, é colocar cada personagem citado no campo de lutas e de construção duma sociedade emancipada do capital.

É colocar as famílias campesinas como formadoras de uma nova forma de sociabilidade, em que as mulheres camponesas ocupam espaços de formação, de resistência; em que as mulheres comparecem como cruciais na construção do movimento que se direciona ao feminismo camponês: “Las mujeres desempeñan un papel crucial en La Vía Campesina. El movimiento defiende sus derechos y la igualdad de género. Lucha contra todas las formas de violencia contra las mujeres⁴”.

O feminismo camponês é um feminismo baseado nas correntes populares, nos valores das classes menos favorecidas pelo sistema que divide e exclui. É um feminismo com base nas lutas dos movimentos sociais e em defesa da vida e das mulheres. Tratar do feminismo camponês é sair para o conforto e enfrentar a realidade, é construir um debate que parte da luta contra a opressão.

A superação da opressão passa também pela superação da dicotomia estabelecida pela sociedade burguesa entre campo e cidade, em que: “A burguesia submeteu o campo à dominação da cidade.” (MARX-ENGELS, 2001, p. 31). A burguesia fez e causou conseqüências ao campesinato, mas este persiste mesmo quando o capital “centralizou os meios de produção e propriedades em poucas mãos.” (Idem, 2001, p. 31).

Com essa despropriação e centralização da riqueza produzida socialmente, a burguesia, enquanto personificação do capital, usou da força que o deus monetário oferece para o genocídio e para o extermínio da classe camponesa no Brasil e em toda América Latina. Mesmo

⁴ Tradução livre da autora: As mulheres desempenham um papel fundamental na Via Campesina. O movimento defende seus direitos e a igualdade de gênero. Luta contra todas as formas de violências contra as mulheres. nota da via Campesina, sobre as mulheres, encontrada no site: <https://viacampesina.org>.

assim, o campesinato gradativamente se manteve, pois enquanto o “individualismo” é o braço forte das relações monetárias e da teoria liberal, a união e o companheirismo afirmado pelos movimentos sociais têm permitido a construção dos germes de uma nova sociedade, em que se apresentam como protagonista de sua história, resistindo ao processo de apagamento de sua memória por meio das lutas. Desde modo, observa-se na mulher um papel relevante para o desenvolvimento educacional emancipatório, partido das práticas de luta dos movimentos sociais emerge o desenvolvimento do conceito novo de campesinato.

Nossa tarefa é tratar das questões sociais ligadas à educação camponesa, do feminismo camponês como uma construção popular. Feito isso, entraremos na relevância da educação camponesa enquanto espaço em que a mulher constrói e reconstrói a agroecologia, enquanto meio de articulação política e pedagógica do feminismo camponês e popular⁵.

A Filosofia da Práxis como articulação dialética entre campesinato, agroecologia e feminismo

A discussão filosófica acerca do feminismo camponês não pode deixar de considerar a importância da relação entre teoria e prática; nesse caso, é importante apontar o feminismo camponês enquanto produto de uma relação dialética entre teoria e prática, da teoria que emerge das práticas das mulheres camponesas. A prática se constitui como critério da teoria.

É importante observar a natureza da Filosofia da Práxis. Escreve Vázquez: “Considerando as relações entre teoria e prática no primeiro plano, dizemos que a primeira depende da segunda na medida em que a prática é fundamento da teoria, já que determina o horizonte de desenvolvimento e progresso do conhecimento” (2011, p. 245).

A práxis implica numa relação de interação dialética entre teoria e prática; em que se observa no movimento a ação da teoria, em que comparece tanto o desejo do conhecimento quanto o desejo de transformação da realidade social. É no ponto de transformação da realidade social que se adentra na pesquisa, na medida em que é a mulher camponesa, por meio da construção de um feminismo camponês e popular, que vem construindo uma identidade agroecológica.

⁵ Feminismo camponês e popular, porque está dentro do valorizar os conhecimentos e lutas das mulheres tanto do campo quanto da cidade, se articulando a construção de uma luta contra o patriarcado, na medida que tem a defesa da vida e ser contra todo tipo de violência que sofre a mulher na esfera social que nos encontramos, sendo a vida princípio de construção deste feminismo. OBS: Nota de visão da autora enquanto militante do MMC (Movimento de Mulheres Camponesas).

Que identidade é essa identidade de feminismo camponês e da mulher agroecológica? Sobre o feminismo camponês tratamos no item anterior, agora a tarefa é adentrar no campo da agroecologia e perceber sua articulação com o campesinato.

Ao contrário da revolução verde, ou seja, do modelo agronegócio assentado no latifúndio bárbaro advindo das ordens do capital, a agroecologia trabalha com a vida e em defesa dela. Para os movimentos sociais que formam a Via Campesina, a agroecologia é um movimento em defesa da terra e da biodiversidade, tendo a mulher um papel fundamental para o seu desenvolvimento na esfera em que se constrói na luta, ou seja, a mulher camponesa forja uma educação participativa e relacionada à política social emancipatória da humanidade.

Deste modo, faz-se fulcral quebrar a visão engendrada na filosofia dualista (empirista e idealista) em que a prática aparece como contrária a teoria ou simplesmente uma aparece sobreposta a outra. Deve-se jogar o preconceito construído filosoficamente de práxis e a colocar a pesquisa diante de um pensamento. Escreve Vázquez: “A verdade fica subordinada, portanto, aos nossos interesses, ao interesse de cada um de nós” (2011, p.243).

Para Vázquez, o critério de verdade, seja no pragmatismo ou no marxismo ganham fases distintas. Elas são essencialmente diferentes, pois “nem na concepção da verdade, nem no que se refere ao critério e, sobretudo, ao modo de conhecer a prática podem identificar marxismo e pragmatismo, já que não coincidem, como até se encontram em posições diametralmente opostas.” (VÁZQUEZ, 2011, p. 344-345). A Filosofia da Práxis está além do reducionismo prático e utilitário, ou seja, não comparece num sistema de hierárquico; pelo contrário, entende que uma enriquece a outra, indo além do pensamento grego de práxis, já que na contemporaneidade a práxis, na perspectiva marxiana, assume característica de unidade dialética entre teoria e prática.

Trazendo este discurso de práxis para o campo da construção política e pedagógica da humanidade, pode-se notar a construção dialética entre agroecologia e campesinato, e ao fazer-se esta tarefa coloca-se a mulher articuladora de saberes, como guardiã de conhecimentos e mais que guardiã, uma desbravadora na luta por justiça social.

A mulher camponesa por meio das lutas sociais constrói este feminismo de forma que ela assume o lugar de analítica dos desgastes ambientais que vem sofrendo a terra pelo processo opressor do agronegócio, e também como guerreira de lutas em defesa da vida. Assim, pode-se notar nas vertentes teóricas do marxismo uma luta contra as opressões do capitalismo. Na

construção do feminismo camponês, a agroecologia serve de ponte de ligação das mulheres em defesa das opressões e violências deixadas nas marcas históricas do patriarcado social, pois este feminismo entende que não é suficiente a superação do agronegócio se não se rompe as demais formas opressoras do sistema do capital.

Temos então dois pontos bases de discussão Campesinato e agroecologia, e estes se convertem em um, já que ambos trabalham o conhecimento e sustentam suas relações por meio do manejo dos recursos naturais, trabalham a transformação da natureza pela categoria trabalho sem exploração ao meio ambiente, ou seja, suas relações sociais configuram-se na atividade produtiva em respeito ao meio. Escreve Gusman e Molina:

“[...] o conceito de campesinato evoluiu desde a sua consideração como um segmento social integrado por unidades domésticas de produção e consumo que, apesar de sua mudança histórica mantinha algo genérico [...] a sua conceituação agroecológica atual. Isto é, o campesinato [...] a agroecologia identifica como o genérico do campesinato na história de sua forma de trabalhar” (GUZMÁN e MOLINA, 2013).

Como podemos notar em Guzmán e Molina, o conceito de campesinato evoluiu, e pelas condições de manter sempre a mesma característica de uma reprodução sustentável, que mesmo com os avanços históricos de produtividade implantados pelo capitalismo, ele se afirma conjuntamente com a agroecologia e sua atividade biótica dos recursos naturais. Outra característica encontrada no campesinato, em sua relação com a atividade agroecológica, é a diversidade onde se valoriza a natureza dos saberes.

É mister destacar que quando falamos de camponês ou campesinato neste trabalho falamos da união dos povos do campo, povos das águas e povos das florestas, ou seja, agricultores camponeses, mestiços, indígenas, quilombolas. Trata-se de uma classe social que luta e se mantém viva na construção histórica de um novo projeto societário. Falamos dos que compõem as mais diferentes raças, etnias misturadas e que compartilham a riqueza do conhecimento de gerações do lidar com a terra na labuta diária pela preservação da natureza, onde pela organização de movimentos sociais veem trabalhando uma luta contra modo de produção capitalista, que transforma o ser humano em mercadoria.

Para Celia Amorós (2000) trata-se de trazer para o discurso filosófico o feminismo e também os movimentos sociais; para isso, ela fala de “feminismo filosófico”, estabelecendo a diferença com o que seria chamado por alguns de “filosofia feminista”, sendo de sua preferência por meios pragmáticos tratar do “feminismo filosófico”. Com relação à tarefa de construção a

Filosofia, ela coloca que por muito tempo se fez uma filosofia patriarcal e que este fato não estar dissociado da cultura do pensar homem pelo homem. Neste caso, cabe-nos a construção e desconstrução desta predominância filosófica, colar o feminismo num trato teórico-prático. Cito:

Prefiero, por estas razones teóricas y algunas otras de orden pragmático, hablar más bien de feminismo filosófico. [...] Pues lo que se quiere dar a entender con esta denominación es que el feminismo es susceptible de ser tematizado filosóficamente. Lo es porque tiene implicaciones filosóficas y porque, como forma de pensamiento, es, en su entraña misma, filosófico (AMORÓS, 2000, p.10)⁶.

Notamos em Amorós o pensar articulado a uma desconstrução do patriarcado filosófico, mas não somente isto, já que o pensamento dela se coloca na perspectiva da construção histórica da filosofia feminista. Entendemos que como na Filosofia existe um processo de construção e desconstrução teóricas, nos movimentos sociais que tem em vista o feminismo (que tem ganhado várias formas, sendo debatido sobre os feminismos) não se pode ser diferente, pois tratar deste assunto requer análise política de construção social. Deste modo, a práxis é fundamental e necessária para se estabelecer uma forma de discurso acerca do feminismo, com isso feminismo camponês, com base na reconfiguração da mulher e sua participação na política pedagógica da esfera social. Desempenhando a mulher (Com foco aqui mulher camponesa) atuações no campo intelectual e prático, articulando-se com o companheirismo desenvolvido nos movimentos sociais que lutam pela terra.

Na obra *Educação e lutas de classe* de Ponce (1981), mais precisamente no primeiro capítulo nomeado de: “A educação na sociedade primitiva”, nota-se o papel da mulher na educação, numa sociedade onde a homogeneidade era presente nas atividades e não existia uma hierarquia de gênero. O ensino era atribuído pela vida e para a vida, assim diferente da concepção de educação que se é tida atualmente pelo senso comum, onde só a escola educa, na sociedade primitiva a educação era dada para o bem viver em comunidade, ou seja a mulher estava em igualdade com o homem, nas decisões e na educação “na sociedade primitiva a mulher estava em pé de igualdade com o homem” (PONCE, 1981, p.18).

⁶ Tradução da autora: Prefiro, por essas razões teóricas e algumas outras de uma ordem pragmática, falar mais do feminismo filosófico. [...] Pois o que se entende por essa denominação é que o feminismo é suscetível de ser filosoficamente “tematizado”. É porque tem implicações filosóficas e porque, como forma de pensar, é, no seu núcleo, filosófico (AMORÓS, 2000, p.10).

É por meio da agroecologia que a mulher camponesa busca se destacar no processo educacional, recuperando-se assim a igualdade social, por meio de construção na luta contra a opressão construída culturalmente na divisão de classes.

Para o MMC (Movimento de Mulheres camponesas do Brasil) as mulheres carregam em suas mãos as sementes da vida, é por meio das lutas e fortalecimentos com base na agroecologia que se desenvolve um movimento que busca garantir a biodiversidade da vida ao mesmo tempo em que constroem uma luta contra a hegemonia do capital, uma hegemonia que vai desde o controle de produção pelo agronegócio aos sistemas bases da em que se estrutura a sociedade como a educação. Segundo Boni. Cito

[...] o MMC ao buscar alternativas, tenta mostrar algo diferente a partir de práticas de recuperação das sementes dos produtos básicos de sua alimentação e a busca do saber sobre ervas medicinais, em contraposição aos medicamentos alopáticos prescritos pela medicina oficial. Mais do que um discurso, tais práticas representam a luta contra a hegemonia do mercado (BONI, 2013, p.76).

Na medida em que se organizam enquanto um movimento em defesa da mulher, pode se compreender a educação política dentro do movimento referido, já buscam as mulheres por meio da organização o resgate do saber lido com a terra e defender a vida.

Na concepção de feminismo camponês e luta de classe vemos que se faz necessário e “importante resgatar a capacidade das mulheres, em diferentes épocas históricas, de se constituírem como sujeitos políticos, engendrando teorias e lutas emancipatórias [...]. Os movimentos de mulheres da atualidade são, de alguma forma, herdeiros dessa história” (SILIPRANDI 2015, p.41). O feminismo camponês tem identidade na agroecologia, mas não só isso, ele é composto de história e busca transformação social na valorização da mulher em construção e preservação da natureza.

A educação como meio de construção e fortalecimento do feminismo camponês

Diante da relação social que se construiu sobre a mulher cabe abordar sobre a educação e como esta pode ser vista como meio tanto no processo de construção quanto no fortalecimento do feminismo camponês. Para isso é necessário compreender a educação como uma atividade que transcende a sala-de-aula, em que o processo de formação da vida em militância forma pensamentos e constrói métodos pedagógicos não-formais.

Como podemos notar na leitura de Ponce em “A educação na sociedade primitiva”, o processo chamado de “civilização” não só hierarquizou homem sobre mulher, como a colocou

dentro de um enquadramento que a impediu enquanto sociedade visualizar a educação fora do espaço “ofertado” pelo poder do Estado, ou seja, a escola.

Não nossa tarefa nessa fase do trabalho realizar a crítica ao modelo de educação escolar que temos, mas é cabível colocar que a educação que mencionamos aqui não exclui a importância desta educação formal, mas que ela não seja vista como única, pois a construção social é mais que o espaço escolar e a educação se dá na medida em que se vive e luta contra a opressão.

Pensando nisso, Isabel Conte e Fátima Janh colocam a questão de importância para a luta social do feminismo camponês onde a educação vai além das padronizações “[...] o MMC tem refletido e politizado o trabalho das mulheres por meio de processos formativos e lutas diversas, visando potencializar o reconhecimento das mulheres como sujeitos tanto no âmbito de suas famílias como nos demais setores da sociedade” (2011, p.26).

Sendo o MMC, um movimento organizado em defesa e construção de um feminismo camponês a educação é uma de suas formas de se forja na luta construtiva de emancipação social contra o patriarcado engessado pela cultura capitalista, um movimento que se faz em construção coletiva em defesa da coletividade.

O aprender e o ensinar se faz na luta, no viver em sociedade, na participação coletiva em defesa e busca de direitos, na tomada de consciência nessa esfera de luta, onde a educação é forma de organização para a libertação das opressões.

A partir do Movimento, pode-se afirmar que a educação popular, potencializada e efetuada a partir dele, gera conflitos pessoais, pois se dá em função de aprofundar a inserção das militantes com o propósito de elevar seus níveis de consciência. Com a tomada de consciência, espera-se que as mulheres possam agir segundo os princípios da Organização, que busca, acima de tudo, a libertação e o empoderamento das mulheres, o que não é simples do ponto de vista de papéis hierarquizados na sociedade patriarcal (CONTE e JANH, 2011, p.28).

A educação para a categoria camponesa e para o feminismo camponês representa uma clara contraposição ao sistema de regras estabelecidas pelo sistema capitalista, implica uma clara contraposição ao individualismo burguês, aos preceitos da concorrência, a transformação da terra em propriedade privada etc. Em sua obra, *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire aponta que a educação assume tanto um papel de opressão quanto de libertação. Como a primeira já sabemos que é dentro desse sistema manipulável que concebe o sujeito como objeto a ser oprimido, já como libertação compreende uma nova forma de organização social que pauta a

luta dos movimentos sociais, quando colocam a educação não formal um papel do educar na vida e para emancipação (FREIRE, 1987).

Logo, o feminismo camponês, ao que nos colocamos em discussão desde o início, tem como fonte primária de existência a articulação entre a educação social e a formação política e pedagógica na luta contra a opressão e dominação de poder patriarcal, expressa na propriedade privada e no capital, e em defesa da vida por meio da agroecologia que levanta a bandeira das mulheres como fundamentais à defesa da vida e luta pela terra, ao meio de ser luta contra o capitalismo e retrocessos que este faz a vida, pela exploração da terra, degradação ambiental.

Resultados e discussão

Tão necessário quando entender o percurso tomado para elabora deste trabalho, se faz entender os meios aos quais se construiu a pesquisa.

Sabemos que a concepção tanto de campesinato quanto de feminismo se faz mediante a articulação da Filosofia com a Educação, tendo como ponto de partida uma discussão sobre o conceito de campesinato, agroecologia e construção do feminismo camponês alcançamos o entendimento da realidade como síntese das múltiplas determinações.

Neste processo duas bandeiras organizacionais estiveram presentes na construção deste trabalho, que é o MMC (Movimento de mulheres camponesas) e a Via campesina. Podemos então ver abaixo a representação das duas organizações:



1: Bandeira do MMC



2: Bandeira da Via Campesina

Fazemos então a seguinte questão: Quem somos na composição destas duas organizações camponesas? Talvez nem seja mais necessária a questão já que durante o caminhar ambas se fizeram presentes. Mas cabe uma resposta de unidade das duas na

construção da luta em defesa da vida e construção de uma sociedade que luta contra a opressão do sistema opressor do capital.

Somos então a resistência, sobreviventes e construtores sociais nessa organização do feminismo camponês.

Somos mulheres camponesas: agricultoras, arrendatárias, meeiras, ribeirinhas, posseiras, bóias-frias, diaristas, parceiras, extrativistas, quebradeiras de coco, pescadoras artesanais, sem terra, assentadas... Mulheres índias, negras, descendentes de europeus. Somos a soma da diversidade do nosso país. Pertencemos à classe trabalhadora, lutamos pela causa feminista e pela transformação da sociedade. (MMC, <http://www.mmcbrasil.com.br/site/node/43>)

Mediante a articulação da teoria com prática e do olhar sobre as organizações selecionadas (MMC e a Via Campesina) que se forjou a discussão pautada na defesa da agroecologia enquanto uma direção na caminhada em defesa da vida emancipada e não da vida escravizada, em que sem o feminismo não se tem agroecologia como instrumento de emancipação. A agroecologia é apropriada positivamente pelas organizações feministas e constitui-se como instrumento para a afirmação da identidade feminina camponesa.

Considerações finais

Durante nossa jornada esteve o tempo todo não aparecer enquanto militantes das organizações, pois falar sobre a mulher camponesa é uma tarefa mais que acadêmica é experiência, como diria Jorge Larossa, em que a experiência que nos toca e nos passa, ela acontece.

Sendo camponesa de raízes indígenas, sinto-me por muitas vezes desorientada no campo filosófico, mas ao mesmo tempo são responsáveis por produzir o que me toca no percurso de construção social. Pois não é a pedra do meio do caminho que faz a diferença na história, mas sim o que fazemos com a pedra. E a construção que vem se desenvolvendo do feminismo camponês nos mostra claramente o que fazer com a pedra.

É importante destacar que este trabalho tentou a todo tempo articular as ideias sociais ao debate filosófico. Deste modo, fomos articuladores de teorias e práticas. E tendo a Filosofia da Práxis como mais que uma produtividade utilitarista chegamos à conclusão que o feminismo é tanto um debate filosófico como histórico social e que a mulher é um ser que se constrói na luta e pode quebrar os dogmas implantados por uma educação opressora. Mostrando-se (o

feminismo camponês), como articulador de saberes, em que a educação ganha visão política pedagógica no seio da classe dominada.

E como desejo dessa pesquisa temos por considerações finais alertar a sociedade atual para as diversas maneiras de viver e pensar a vida, onde nenhum fato do hoje encontrasse desligado do passado, assim é a construção do feminismo camponês uma herança de outros feminismos, mas com o atentar a construção camponesa em defesa da mulher na luta contra a violência e em defesa da vida, por isso caminha lado a lado com a agroecologia, que é mais que uma forma de “empoderar” economicamente as camponesas, é uma forma de manter a identidade com a terra presente nas gerações e por gerações.

É importante ressaltar que o saber do campesinato mesmo passando por transformações se adaptando a nova realidade, ele sobreviveu aos dias de hoje e sobreviveu garantindo a identidade de trabalho em defesa da natureza, da terra e contra as opressões.

Deste modo, não pode o campesinato ser ignorado, do processo de luta pela quebra da hegemonia do capital.

São em nossas considerações as mulheres camponesas em suas organizações fundamentais na luta contra a opressão, e o feminismo camponês é a afirmação da identidade e da classe popular.

A classe camponesa aqui trabalhada é a representação de uma classe que permanece no interior da sociedade atual e será crucial na luta para a derrubada da sociedade. Deste modo o feminismo camponês apresentasse atuante politicamente como forma de organização na luta pela emancipação humana, pois inexistia possibilidade de emancipação feminina estranhada da emancipação da natureza e da emancipação da humanidade.

A emancipação da mulher camponesa é emancipação da mulher da classe popular, é a emancipação da terra e a da humanidade.

Que possamos então refletir sobre Simone de Beauvoir ao escrever sobre a infância e processo de formação da mulher dentro de uma sociedade de classes, quando afirma: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. Em outras palavras se a mulher é uma construção social, que lutemos pela construção emancipada do patriarcado cultural que nos foi encucado.

Portanto, temos enquanto mulheres camponesas e na construção deste “feminismo camponês e popular” a missão da autoprodução e autoconstrução social como o que somos e o

que lutamos, quebrando dia após dia com o que nos foi construído como mulher, para a construção da nova mulher e da nova sociedade justa.

É pela organização que poderemos construir uma nova existência e quebrar com a sociedade patriarcal, ao mesmo tempo que lutamos contra a propriedade privada dos meios de produção e estruturas de propriedades que se foi criada tanto para com o lidar com a mulher quanto com a terra, que transforma seres humanos em coisas e mulheres em mercadorias.

REFERÊNCIAS

AMORÓS, Celia. **Feminismo, filosofía política y movimientos sociales**. In: Feminismo y Filosofía – edición de Feminismo y Filosofía, Madrid, UCM-Síntesis, 2000, p. 9-22.
Disponível em: <<<http://www.farem.unan.edu.ni/investigacion/wp-content/uploads/2015/01/Feminismofilosof%C3%ADa.pdf>>>. Acessado em: abril de 2017.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. “A infância”. Tradução de Sérgio Milliet. – 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BONI, Valdete. **Movimento de mulheres camponesas: um Movimento camponês e feminista**. Disponível em:
<<<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/grifos/article/download/1259/1469>>>. Acessado em: março de 2017

CONTE, Isaura Isabel e JANH, Elisiane de Fátima. **Educação para o ser mais no Movimento de Mulheres Camponesas**. Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v. 10, p. 23-28, jan./dez. 2011.

DUSSEL, D. Enrique. **Filosofia da libertação**. Coleção reflexão latino-americana – 3, I. 2ª ed. Co-edições Loyola, São Paulo, Editora UNIMEP Cx. Postal 68, 13400 Piracicaba, SP. 1977.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 32. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina**. Tradução de Galeno de Freitas. 25ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, impresso no Brasil 1987. 307p. Título original: Las venas abiertas de America Latina. (Coleção Estudos Latino-Americanos, v.12).

GUZMÁN, Eduardo Sevilla e MALINA, Manuel González de Molina. **Sobre a evolução do conceito de campesinato**. Tradução literal de Ênio Guterres e Honoracio Martins de Carvalho. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. Coleção: Experiência e Sentido.

La Via Campesina Movimento Campesino Internacional. **La Vía Campesina: La voz de las campesinas y de los campesinos del mundo.** Encontrado em:

<<<https://viacampesina.org/es/la-via-campesina-la-voz-las-campesinas-los-campesinos-del-mundo/>>>. Acessado em Julho de 2017.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista.** Porto Alegre: L&PM, 2001.

MDA, Produção: Comunicação Integrada. **Movimento de mulheres camponesas.** “Quem somos”. Disponível em: << <http://www.mmcbrazil.com.br/site/node/43> >>. Acessado em Agosto de 2017.

PONCE, Anibal. **Educação e luta de classe.** São Paulo: Cortez Editora e Autores Associados, 1981, p. 17-34,

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/ceazinepdf/MULHERES_E_AGROECOLOGIA_TRANSFORMANDO_O_CAMPO_AS_FLORESTAS_E_AS_PESSOAS_0.pdf>>. Acessado em maio de 2017.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da praxis.** Tradução de Maria Encarnación Moya. São Paulo: 2. ed, Expressão popular, 2011.